

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjo Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Conde da Esperança.
E. Severim de Azevedo (Crispim).
Ferreira Mendes.
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Annuario Commercial.

16 DE JUNHO DE 1913

N.º 346

ASSUMPTOS RELIGIOSOS

Festas tradicionaes portuguezas



Imagem de Santo Antonio

(Esculptura em madeira, de J. Fernandes Caldas, existente na Igreja da Ericeira)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de junho de 1913

«Na afanosa vertigem de transformar tudo que constitue o fundo ancestral da alma de um povo, hábitos, usos, costumes e tradições, com a rapidez fulminante com que se transforma o cenário d'uma magica, foram-se ferindo progressivamente os sentimentos de todas as camadas sociais, de forma que não pôde estranhar-se que, no actual momento, pelos mais encontrados motivos, as relações associadas n'um surdo e ego rumor de irritação e desgosto, que não deve passar desaperecebido, sobretudo para aquelles que passaram uma boa parte da vida embalados no sonho dourado dos ideaes republicanos, de cuja realidade confiavam ardentemente a regeneração e a prosperidade da patria.»

(Trecho de um artigo do sr. dr. Nunes da Ponte, publicado ha tempo no *Diario da Tarde*.)

TEM razão o sr. dr. Nunes da Ponte. A afanosa vertigem de transformar tudo quanto constitue o fundo ancestral da alma portugueza é que tem produzido os males a que estamos assistindo e contribuirá de certo para aquelles que, por infelicidade nossa, ainda havemos de presenciar, porque nunca impunemente se attenta contra as tradições de um povo.

Portugal é uma velha nacionalidade. E' tarde para se fazer uma patria nova — por muito que isso contrarie os que chegaram a escrever que a historia do nosso paiz começava em 5 de outubro.

Em vez d'essa tal patria nova, que não seria afinal cousa nenhuma, porque o ideal dos tempos que vão correndo não é fazer patrias novas mas sim reconstituir as antigas, o novo regimen deveria, pelo contrario, procurar, tanto quanto possivel, reatar o fio das nossas tradições, que em nada prejudicariam a republica e até lhe serviriam de solido apoio.

Poderia, por exemplo, quando se tratou d'essa malfadada questão da bandeira e já que não quiz que a azul e branca continuasse a symbolisar a patria, por ser bandeira dos adeptamentos — pobre bandeira! — adoptar a bandeira branca, a velha bandeira que foi á India, aquella cujos feitos gloriosos foram cantados por Camões, a que expulsou os Filippes e mais tarde os francezes de Napoleão. Não o entendeu assim o novo regimen. Preferiu adoptar uma bandeira exclusivamente sua, despresando de tal forma a opinião da grande maioria do paiz e até a de muitos republicanos valiosos como Braancamp Freire, Guerra Junqueiro, João Bonança, Cunha e Costa e tantos outros.

A lingua portugueza parece que se tornou tambem suspeita de *thalassismo*, o que não admira visto que serviu para escrever os *Luziadas* e toda uma longa serie de elogios aos reis de Portugal como são as obras dos nossos velhos chronistas.

O que se fez, portanto?

Atirou-se para longe a tradição e inventou-se uma lingua nova, que fallada é exactamente como o portuguez e escripta é parecida o mais possivel com o castelhano — uma especie de brinde aos apóstolos da união iberica.

A moeda foi tambem uma cousa que complicou com os nervos de certas pessoas. Havia a moeda denominada — *real* — quasi tão antiga como a nação portugueza, onde além d'aquella outras teem existido, taes como o maravedí, o ceutil, etc.

Para acabar com ella fez-se, pois, uma reforma monetaria, tomando por unidade o centavo, moeda sem tradições entre nós mas em compensação muito conhecida na... Republica Argentina.

Temos já a moeda de 50 centavos e para breve se annuncia a de 20. O povo já baptisou a primeira com nome de *cinco tostões* e, logo que a outra appareça, charmar-lhe-ha, obedecendo ao mesmo principio, — dois tostões.

Isto não é por mal, não é por *thalassismo*. Indica muito simplesmente que a tradição é uma cousa muito forte porque não tem politica. Não é monarchica nem republicana — é portugueza.

Politica fazem aquelles que nos tempos de hoje pretendem crear patrias novas, uma politica bem má, por signal, porque é anti-patriotica.

Tambem o novo regimen, corrigindo assim um dos erros do constitucionalismo, poderia ter feito reviver as antigas regalias municipaes a cuja sombra o portuguez viveu feliz e independente, contrabalaçando o poder central e impedindo que o feudalismo tivesse entre nós a preponderancia que n'outros paizes exerceu.

Claro está que, quando fallo em regalias municipaes, me refiro áquellas que fossem adaptaveis no estado actual da nossa civilisação e ao complicado machinismo dos estados modernos. Refiro-me principalmente a tudo quanto se possa fazer em beneficio da independencia dos municipios, como base de todas as liberdades populares, como garantia de boa administração do dinheiro do povo.

Tudo isto e muitas outras cousas poderia ter feito o novo regimen em vez de se consagrar á tal *afanosa vertigem de transformar tudo* como muito bem diz o sr. dr. Nunes da Ponte.

A republica não cahiria por esse motivo. Não seria talvez uma republica tão avançada, mas era de certo e pelos menos uma republica tão portugueza como aquella que teria sido proclamada pelos heroes de 1640 se D. João IV não acceitasse o throno.

Vem a proposito dizer alguma cousa acerca das chamadas festas da cidade, das quaes esta Revista se occupará, por meio da gravura, no seu proximo numero.

A idéa foi boa mas a execução deixou muito a desejar.

As festas d'uma cidade como Lisboa teem que revestir a grandeza e a solemnidade propria d'uma grande capital e nunca a pobreza e a falta de gosto que só n'uma aldeia seriam desculpaveis,

Se não ha dinheiro nem patriotismo, se ainda por cima a politica se mette em tudo para tudo prejudicar, então é melhor não pensar em festas n'estes tempos mais proximos.

Deixe-se passar a tormenta, faça-se a paz entre todos os portuguezes e então se tratará de fazer cousa com geito e em que todos colloborem.

Para isso necessario se torna que a tradição nunca seja esquecida.

As festas da cidade abrangem dentro do periodo da sua duração a noite de Santo Antonio, mas o seu programma não se dignou fallar do glorioso thaumaturgo, que não foi afinal nem insignificante como tantos que actualmente estão dando leis.

Camões e Santo Antonio são dois vultos portuguezes que merecem ser tratados com todo o amor e carinho.

Ambos elles são parcelas gloriosas d'uma nacionalidade que assombrou o mundo e que pôde tornar a ter, quando bem administrada, um lugar de destaque na politica da Europa, graças ao seu ainda bem grande domino colonial.

O primeiro representa a tradição guerreira e cavalheiresca do nosso velho Portugal, o segundo a tradição religiosa sem fanatismo.

Ambos são populares, embora o povo conheça melhor o santo do que o poeta, porque do santo conhece os milagres e do poeta mal sabe, infelizmente, soletrar a grandiosa obra.

As festas da cidade deveriam, portanto, constituir uma soberba homenagem a ambos, tendo em consideração o caracter de cada um e a época em que viveram, revestindo assim um aspecto tradicionalista, historico, educativo, patriotico.

O santo cuja imagem acompanhou o exercito portuguez durante as campanhas da Restauração e da Guerra Peninsular, inspirando coragem aos soldados, bem merecia uma homenagem especial, aproveitando e desenvolvendo ainda mais o culto que o povo lhe tributa.

O poeta precisava que a sua obra fosse explicada a todos os portuguezes e merecia uma commemoração muito mais imponente do que aquella que este anno lhe foi offerecida — um modesto cortejo, na sua quasi totalidade constituido por creanças das escolas primarias, desfilando pelo meio de ruas fracamente guarnecidas de gente.

N'um cortejo de homenagem a Camões necessario se torna que todas as classes se façam representar e que todos os portuguezes se associem. Camões não é um republicano, não é um monarchico, não é um *adhesivo*. Camões é uma gloria nacional a quem os proprios estrangeiros prestam culto.

Fallando do cortejo camoneano não quero terminar sem deixar aqui consignada a minha mais completa reprovação contra o monstruoso attentado que tão tragicamente o assignalou, quasi no final, causando a morte de dois homens e numerosos feridos.

A apologia da bomba alguns resultados ha-de produzir. Já nem mesmo as proprias creanças, que ainda não sabem o que é politica, nem conhecem quanta preversidade existe em certas creaturas, são poupadas!

Perder-se-hia tambem para sempre aquella tradicional bondade do povo portuguez?!

J. NUNES DE FREITAS.

General Luiz Augusto Pimentel Pinto



(† em 7 de Junho de 1913)

GENERAL PIMENTEL PINTO

Victimado pela diabetes, agravada ultimamente com um ataque de albuminuria, falleceu no dia 7 do corrente o sr. general Luiz Augusto Pimentel Pinto, antigo ministro da guerra, par do Reino, conselheiro de Estado e uma das figuras que maior prestigio alcançou no seu paiz.

Encontrava-se o nosso exercito, em 1893, n'uma tremenda crise de decadencia, material e moral, quando Hintze Ribeiro convidou, pela primeira vez, o então coronel de cavallaria, director da Administração Militar, para exercer o cargo de chefe do exercito. Durante a sua gerencia, que durou uns tres annos, foi tal o prestigio que conquistou com as medidas postas em execução, que n'essa occasião Pimentel Pinto ficou sendo o homem do dia.

E' missão muito difficil synthetisar n'um artigo toda a grande obra patriótica do illustre official extinto, que marcou nas instituições militares de Portugal um verdadciro periodo de renascença.

E' procurar ao acaso em todos os estabelecimentos militares onde esteja vinculado um progresso, um simples melhoramento, e lá se encontram assignalados vestigios da passagem do illustre official pela pasta da guerra.

Pimentel Pinto tinha o perfeito coração do homem de governo e uma firmeza inabalavel em todas as suas resoluções. Quando no cerebro lhe germinava uma ideia que elle suppunha que devia contribuir para os progressos da defeza do paiz, era d'uma persistencia irresistivel. Assim, de todos os factos conhecidos da sua vida publica, o que define melhor o seu temperamento e grandeza de animo de ardente patriota é o que se passou na adopção da polvora sem fumo no exercito portuguez.

Por essa occasião teve de lutar tenazmente contra a commissão ballistica que se oppunha á adopção da polvora Barreto; até que por fim, em face de experiencias decisivas, o ministro determinou que a fabrica de Chellas produzisse o explosivo adoptado nas espingardas de infantaria. Tambem procurou libertar o paiz do estrangeiro, mandando construir a fabrica de material de guerra em Braço de Prata, estabelecimento modelar e que produz todos os projecteis necessarios para o material de tiro rapido Schneider e as granadas para os exercicios com as peças adoptadas na marinha de guerra.

O desditoso official ha pouco fallecido era possuidor dos conhecimentos geraes que tem toda a pessoa bem educada, conhecia bem os homens e as coisas que lhe era util conhecer.

Pimentel Pinto entrou pela primeira vez para o ministerio da guerra e dedicou-se ao aperfeiçoamento do exercito, rodeando-se de homens de valor em todas as armas, taes como João Eduardo Vieira, Renato Baptista, Alberto de Oliveira, Eduardo Pellen, Dantas Baracho, Eugenio Alves, Honorato de Mendonça, Lamare, etc., soube crear uma situação dominadora e marcou um verdadeiro periodo de renascença, deixando a desafiar os seculos obras de um grande reformador.

E, assim, das suas obras, de entre tantas grandiosas, sobressahem a Manutenção Militar, o Deposito Central de Fardamentos, o internato da Escola de Guerra, as escolas praticas das armas, a realisação das manobras de outomno, a fundação dos estabelecimentos fabris para munições de infantaria e de artilharia, livrando assim o paiz de ser tributario do estrangeiro; a aquisição de 100:000 espingardas Mauser-Vergueiro, para a infantaria, de 36 baterias Canet, para artilharia, de metralhadoras Maxim, de material de engenharia e de serviço de subsistencias.

Como parlamentar, Pimentel Pinto foi um adversario vigoroso no ataque e por vezes fulgurante na réplica. O seu ultimo discurso, vehemente e sensacional, foi na Camara dos Pares, n'um ataque feito ao sr. Ferreira do Amaral, quando presidente do conselho.

As suas obras com o fim do levantamento moral do exercito foram tambem numerosissimas, taes como a creação do curso do Estado Maior, por meio do quadro aberto a todas as armas; a garantia de preparação nos altos commandos; tentativa para estabelecer a unidade de origem no recrutamento dos officiaes de todas as armas; desenvolvimento dos recursos do Collegio Militar; realisação das manobras militares; leis de recrutamento e de justiça militar. Fundou o Centro Nacional de Esgrima, teve a iniciativa das exposições hippicas para estimular os creadores de cavallos para o exercito e a da creação do Museu de Artilharia, bem como da grande Cooperativa Militar. Uma das corças de gloria do

malogrado estadista foi a organização das expedições ao ultramar, especialmente a de 1895, commandada por Galhardo e que alcançou um exito tão retumbante a seguir á prisão do Gungunhana.

O prestigioso militar tinha uma unica preocupação em toda a sua vida attribulada e cheia de difficuldades: «Deixar um nome limpo aos seus filhos». E este homem que firmou tantos contractos n'este paiz, que foi um dos *homens do Credito Predial*, tão vilmente calumniado, morreu pobrissimo. Honra á sua memoria!

O destino, que tão cruel foi para com a sua existencia, não lhe poupou o desgosto de ver morrer uma filha estremecida, o que mais lhe abalou a vida, e no momento derradeiro, com uma grandeza d'animo de homens de outras eras, despede-se da familia a quem declara:

— Está terminada a grande batalha da vida.

E n'essa batalha fóra uma figura de extraordinario relevo que desaparece das instituições militares, que elle tanto procurou engrandecer.

O seu funeral foi um verdadeiro preito de homenagem prestado pelos seus numerosos amigos e admiradores.

O finado foi um fiel servidor das instituições monarchicas, amigo dedicado de D. Carlos que depositava n'elle a maxima confiança e lhe tributava a maior consideração. O senhor D. Manuel de Bragança fez-se representar no funeral pelo sr. conde de Tarouca e enviou ao filho do extinto o seguinte telegramma:

«Sentidissimo com a morte de seu pae, meu saudoso amigo, envio os mais sinceros pezames.»

A senhora D. Amelia enviou tambem ao sr. Luiz Pimentel Pinto o seguinte telegramma:

«Consternada chóro o amigo fiel e dedicado; a sua mãe, irmãs e a si a mais dolorosa sympathia.»

C. S.

CONSELHEIRO PIMENTEL PINTO

— *Está terminada a grande batalha da vida.* Foram as suas derradeiras palavras, bem dignas do coração d'onde brotavam, e que eram a ultima honra nos labios que as proferiam. Pimentel Pinto, que nobilitara a farda que vestira, como engrandecera o exercito a cujo serviço se votara; que prestou serviços eminentes,



D. Maria Firmina Protes da Fonseca Pimentel Pinto
(† em 19 de Maio de 1913)

signalados e memoraveis á familia militar; que imprimira lustre ás instituições marciaes portuguezas, procurando aproveitar os incentivos vindos de fóra, e congregando as mais devotadas competencias que n'este paiz versam os estudos militares; n'uma palavra, que amara entranhavelmente o exercito, preocupação constante de toda a sua vida politica, não admira que nos paroxismos da morte, ao sentir avisinhar-se o soar do supremo momento do peregrinar terreno, se lembrasse de que fóra soldado e procurasse na terminologia da sua sciencia predilecta exprimir o fim da sua carreira.

Ha, porém, na figura de Pimentel Pinto uma nota muito característica da sua individualidade; nota que elle fez vibrar em todas as agitadas circumstancias da sua conturbada vida politica

Antonio Guimarães

A sua conferencia acêrca de Soror Mariana

Antonio Guimarães, o talentoso secretario da redacção do *Dia*, realizou no antigo theatro D. Amelia uma brilhante conferencia acêrca de Soror Mariana Alcoforado.

A conspiração monarchica



Julgamento da sr.ª D. Julia de Brito e Cunha e dos accusados politicos tenente Alegro, actor Gil de Carvalho, barbeiro Guerra e Borges Peralta

— a lealdade. Como raros dos politicos do seu tempo, jámais Pimentel Pinto faltou aos deveres que a lealdade ás intituições que jurara defender lhe impunha. Leal até ali; vae n'isso o seu maior elogio. E essa lealdade affirmada e comprovada em occasiões difficeis; e essa lealdade que era servida por um espirito culto, por um caracter franco, por um animo resolutivo na acção e inabalavel nos principios, mais rebrilhou depois que cahira o regimen que servira e que para o exilio se partiram as Pessoas Reaes de quem tão dedicado fóra. Ficou monarchico, e não engeitou as suas crenças religiosas. E em meio d'esta sociedade onde se evidenciam tantas tibiezas e tantas traições, a inquebrantavel figura de Pimentel Pinto, alquebrado pela doença, amargurado por tantas tristezas e alanceado por tão crueis ingratições, apparece-nos circumvolta da luz rebrilhantissima que aureola aquelles que Sá de Miranda definira como homens:

... de um só parecer
d'um só rosto, uma só fé
d'antes quebrar que torcer.

E se ao ingressar na derradeira jazida não se escutaram as palavras dos seus companheiros das lides parlamentares, nem lá foram esfolhar saudades os alumnos do antigo Instituto D. Affonso que lhe deveu o melhor da sua energia, teve as lagrimas da gratidão de muitos amigos, que jámais o esquecerão e os accentos da despedida carinhosamente sentida de João Craveiro Lopes de Oliveira...

SANTOS FARINHA.

O assumpto foi tratado com a merecida delicadeza. Antonio Guimarães, fino buriladór da prosa e homem de coração, soube esboçar o perfil da freira portuguesa com o traço leve d'uma critica suave e justa, evidenciando uma vez mais para a nossa admiração o soberbo lavór sentimental e litterario das suas *cartas de amor*. A proposito o conferente alludiu em rapidas notas de impressão a algumas amoras celebres, matissando o seu trabalho de conceitos que lhe deram precioso esmalte.

Antonio Guimarães foi com justiça calorosamente applaudido. Todas as homenagens são devidas a este honesto trabalhador que triumphou á custa do seu porfiado labór e do seu proprio exforço.



L. T.

Antonio Guimarães

Antonio Martins

O melhor elogio do professor de armas Antonio Martins, cujo retrato o Centro Nacional de Esgrima descerrou ha dias n'uma homenagem a um tempo imponente e justiça, tem-no feito e incansavelmente adicionado elle proprio, atravez d'uma existencia sobremaneira distincta e excepcionalmente util.

Ha mais de trinta annos que nos archivos da historia da cultura physica em Portugal e muito particularmente na chronica do ensino e lustre da arte das armas, se começou de inscrever nobremente o nome d'este portuguez, cuja biographia é de destacar como dignificante estímulo presente e futuro.

Tendo feito a sua primeira aprendizagem do manejo das armas com aquella bizarra e eximia figura, que foi na sociedade portugueza de ha quarenta annos o francês *Henri Petit*, Antonio Martins resolveu votar todo o seu esforço e mocidade, com perseverança e paixão, ao mysterio, cuja nobilitação e pratica tão altas havia de erguer e ainda hoje mantem no seu paiz.

As lições de *Petit* tinham sido um excellente exordio e incitamento; o mestre, lograriam fazê-lo as aptidões naturaes, a intelligencia e a admiravel constancia do discipulo de ha pouco... Logo em 1886 e após têr já cruzado ferro com o campeão de sabre Jahn Hartl (1882), e com o campeão italiano de florete Antonio Prota, vae a Paris, e é hospede de Caïn e Vigeant.

Do que foi a sua primeira apresentação na grande capital esgrimistica, assaz o dirá a circumstancia de no seu regresso á patria sêr contemplado com o diploma de socio da Academia de Armas de Paris, distincção mui raramente conferida a estrangeiros. Em visitas posteriores á mesma cidade, é recebido e executa prestigioso treno nas salas de Merignhac, Jean Louis, etc; e pelo ferro e mestria de Antonio Martins, a esgrima portugueza vae tomando honroso contacto com as laminas gloriosas de Kirchoffer, Antonio Conte, Anchiotti, Lucien Merignhac, Breittmayer, Chevillard, Richemond, Filippi, Tasoard, Condurier, Jourdain, Mondolone, Bourdon, Louis Merignhac, Fick, Renaud, Lenat, etc.

Do mesmo passo que assim ia acreditando brilhantemente o seu nome no estrangeiro, Antonio Martins proseguia tenaz e proficuamente a sua tarefa profissional em Portugal, já repartindo e cimentando o cultivo e entusiasmo pelas armas, já ligando a sua actividade a numerosos emprehendimentos e missões de interesse publico. Os logares de professor de gymnastica e esgrima das Escolas Naval, e do Exercito, e da guarnição de Lisboa, disputa-os e conquista-os em concurso publico; os reis portuguezes com elle fazem a aprendizagem das armas, e com os seus ensinamentos e sob a sua direcção se constitue a pleiade de profissionaes e amadores, cujos nomes e triumphos são familiares de todos quantos votam ao sport esgrimistico uma parcella de sympathia e entusiasmo.

A Antonio Martins se deve a creação da Escola Nacional de Esgrima, ao depois e solemneamente transformada, por sua predominante iniciativa, no actual Centro Nacional de Esgrima; foi o principal fundador da Sociedade Promotora de Educação Physica, e acaba de ligar o seu patrocínio á Associação de Professores de Educação Physica, cujos estatutos estam em preparação.

D'entre as suas multiplas commissões de serviço publico, é de destacar a que desempenhou na Suecia e acerca da qual elaborou um lucido e extenso relatorio, em que demonstra uma cabal apprehensão dos progressos da educação physica n'esse paiz, cujas relevantes afirmações em tal campo, crêmos, nenhum excede.

Tal é, pallida e summariamente, o elogio do portuguez relevantemente meritorio e distincto, cujo retrato o Centro Nacional de Esgrima descerrou ha dias, saldando, modestamente embora, uma divida de apreço e gratidão.

DR. JOSÉ D'ÁVILA LIMA.

Uma festa no Centro Nacional de Esgrima



O mestre de armas Antonio Martins

CENTRO NACIONAL DE ESGRIMA

SESSÃO SOLEMNE

Inauguração do retrato de Antonio Martins

No salão nobre do Theatro de S. Carlos, onde está installado o Centro Nacional de Esgrima, realizou-se em a noite de 26 de Maio ultimo uma sessão solemne em honra do afamado mestre d'armas e nosso querido amigo Sr. Antonio Martins e para distribuição de premios aos vencedores dos campeonatos de espada e sabre em 1912.

Presidiu á sessão o Ex.^{mo} Sr. Dr. Augusto de Vasconcellos, ex-ministro dos Negocios Extranjeiros, secretariado pelos Srs: Arthur Protes da Fonseca e Sebastião Heredia (Ribeira Brava).

Proferidas algumas palavras pelo Dr. Augusto de Vasconcellos alusivas ao acto, procedeu-se á chamada dos vencedores, a quem o Presidente entregou os seguintes premios:

De sabre (prova militar) premio — Taça de prata ao sr. tenente Augusto Sabbo;

De espada — Sr. Mario de Noronha — medalha d'ouro e diploma;

Medalhas de prata — Aos srs: Sebastião Heredia e Mascarenhas de Menezes;

Diploma — Ao sr. Celestino Henriques.

Seguidamente fez uzo da palavra o nosso prezado collega sr. Luiz Trigueiros, que, subordinada ao titulo *Bravura e Galanteria*, produziu uma interessante palestra palpitante de interesse e de elegante forma litteraria, como todos os trabalhos similares que lhe saem dos bicos da penna.

Após um breve exordio Luiz Trigueiros diz entender ser obrigação de cada um entrar com algum coeficiente para o levantamento duma tão simpatica instituição, que tem condensado no seu titulo toda a significação grandiosa da sua missão educadora e patriótica.

Sob a sua bandeira desfraldada atravez de todas as tempestades e agitações politicas, juntam-se, visando o mesmo ideal nobre e alentado, homens das mais diversas origens politicas e sociais. Colocada a mascara, seguro o «plastron», empunhado o sabre, o florete ou a espada, desaparece a individualidade, para ficar um portuguez, que pretende adextrar-se no manejo dessas nobres armas — para a propria ou alheia defesa — uma organização que deseja robustecer-se, tornando-se resistente e endurecida para o labutar quotidiano!

Seguidamente alude a Antonio Martins, um dos festejados na sessão solene, de quem traça o perfil moral, fazendo uma justa apoteose á sua competencia tecnica e ao seu valor pessoal, entrando, depois, no tema a que subordinou a conferencia.

Bravura e galanteria... A bravura dos portuguezes afirmou-se desde sempre, a par da galanteria dos seus actos. Heroicos e amorosos, os cavaleiros de Affonso Henriques, se derrubavam com

o inaudito vigor dos seus rudes montantes os pendões onde resplandecia a meia lua mussulmana, originavam ao mesmo tempo esses encantadores rimances de mouras cativas do seu esforço e da sua varonil belesa, arrulhando amores nos rapidos intervalos das batalhas, — nas ruelas tortuosas da vencida Lisboa, ou nos frondosos caminhos das verdejantes serranias de Cintra, orgulhosamente toucadas pelo seu castelo roqueiro.



D. Ophelia Freire

O amor andou sempre unido á bravura; e em meio dos gritos de guerra, desses lances belicos, que na idade média convulsionaram os povos, alagando de sangue humano as terras em disputa, as harmonias suavissimas dos idilios amorosos intervalavam a miude essas horas de insano pelejar. E' porque, sob a rija cota de malha dos cavaleiros pelejadores, onde se podia ler o moto patriótico. — «Por nossa terra!» — raro era deixar de palpar um coração sensível, onde um outro veemente moto se acusava. — «Por nossas damas!» — e a junção dessas duas frases, que foram o grito estridente e vitorioso que se ouviu em Aljubarrota, resplandeceu como a divisa da bravura e galanteria, na gloriosa bandeira verde da «Ala dos Namorados». Foi, porém, sempre, orientação dos portugueses, fazer os seus votos solenes de moto a visarem um nobre ideal e não em satisfação duma louca fantasia, ou dum banal e ridiculo capricho. «Por nossas terras e por nossas damas!» O ideal patriótico aliado ao ideal sentimental e amoroso.

Luiz Trigueiros recorda ainda as epochas cavalleirescas da nossa historia, em que se cometeram prodigios de bravura. Ao terminar a sua elegante *causerie* Luiz Trigueiros foi muito victoriado pela selecta assistencia.

Seguidamente o sr. Presidente foi descerrar o retrato de Antonio Martins, um bello quadro a óleo, devido ao magistral pincel do eminente pintor sr. Carlos Reis e que é de flagrante parecença com o homenageado. Este acto foi coroado por uma vibrante salva de palmas.

Então, Antonio Martins, visivelmente commovido, em concisas palavras, mas tocadas pela sinceridade, patenteia o seu profundo reconhecimento.

Após breve descanço entra-se na 2.^a parte do programma, realizando-se tres assaltos:

De sabre — entre os srs. Augusto Sabbo e Freire d'Andrade;

De espada — entre os srs. Nellis e Teixeira de Queiroz;

De florete — entre os srs. Sebastião Heredia e Antonio Martins.

Estes assaltos foram interessantissimos, não só pela maestria e correcção, como pela elegancia com que foram executados.

A terceira parte foi toda consagrada á musica e n'ella tomaram parte brillantissima: M.^{elles} Ophelia Freire e Maria da Costa Bravo e os srs. João Contreiras Queriol e maestro Sarti.

M.^{elle} Ophelia Freire, de quem damos, em medalhão, um magnifico retrato, possui voz de soprano lindamente timbrada, cantando, com applauso da assistencia, em que se viam innumeradas senhoras, os trechos: «*Air de Lia*», de *L'enfant prodigue*, de Debussy e «*Vissi d'arte*» da *Tosca*, de Puccini; e ao piano com grande intuição e notavel technica — *Reminiscencias* da Norma, de Liszt.

M.^{elle} Maria da Costa Bravo, cujo retrato damos na pagina consagrada ao concerto do maestro Sarti, e de quem a gentil amadora é discipula dilecta, cantou com rara sensibilidade artistica, a «*Ave Maria*» do *Othello*, de Verdi, e a canção portuguesa a *Moreninha*, original de A. Sarti, que com a sua proverbial maestria a acompanhou ao piano.

Tambem, esmaltando estas linhas, damos o retrato do sr. João Contreiras Queriol, que ao piano, executando a *Rapsodia Hungara*, op. 12 — de Liszt, se revelou um verdadeiro temperamento artistico, não só por, com notavel technica vencer todas as difficuldades pianisticas, de que está erigida a bella pagina de Liszt, mas por manter o respeito devido ao estylo do extraordinario concertista hungaro. O joven Queriol, cauzou verdadeiro encanto, sendo alvo de calorosa ovação.

Tanto M.^{elle} Ophalia Freire como o sr. João Queriol, são discipulos de piano do abalizado professor de piano sr. Thimoteo da Silveira, cujo methodo de ensino honram sobremaneira.

E já que estamos relatando a interessante sessão solemne do Centro Nacional de Esgrima, permitta-se-nos fechar com estas interessantes referencias: — o anno de 1913 tem corrido lisongeiramente para este Centro.

Assim, no Campeonato escolar foi vencedor o sr. Manoel Teixeira de Queiroz — do Centro Nacional de Esgrima; no campeonato de «Juniors» igualmente venceu o sr. Queiroz.

No campeonato Nacional de espada «Amadores», o 1.^o classificado, obtendo a medalha d'ouro foi o sr. D. Sebastião Heredia do Centro Nacional de Esgrima.

N'este campeonato apurou-se o *equipe nacional da espada*, que ficou constituido pelos srs. D. Sebastião Heredia (do Centro Nacional de Esgrima), Mario de Noronha (da Sala Carlos Gonçalves) — João Sasseti, Manoel Queiroz e Celestino Henriques (do Centro Nacional de Esgrima) e Montez, do Atheneu Commercial.

E por ultimo devemos consignar aqui sinceros encomios ao nosso presado amigo sr. Arthur Prostes da Fonseca, que faz parte dos corpos gerentes do Centro Nacional de Esgrima e que, com o



João Queriol

seu entusiasmo pela cauza sportiva, o seu provado gosto artistico e a sua grande dedicacão a Antonio Martins, soube deliniar o programma d'este sarau de forma a alcançar o extraordinario exito que obteve por parte da selecta assistencia, que enchia litteralmente o amplo salão do theatro de S. Carlos.

F. M.

Amarguras d'um rei

O rei Carlos II de Inglaterra viu um dia um homem amarrado ao pelourinho e perguntou que crime tinha elle commettido para merecer tal castigo.

— Escreveu umas satyras muito vehementes contra os ministros de Vossa Magestade, respondeu-lhe um dos da comitiva.

— Imbecill! exclamou o rei. Escrevesse-as contra mim que ninguém o castigaria e até talvez o applaudissem!

Concerto Sarti no Theatro Nacional



O maestro Alberto Sarti

ALBERTO Sarti nasceu em Livorno, Italia. Cedo começou a manifestar a sua vocação musical, entrando para o Conservatório de Florença, onde foi aluno laureado. Depois teve a rara fortuna de estudar a sciencia contrapontistica com Teodoro Martelli, compositor italiano de grande nomeada e professor de composição da Escola Real de Musica de Florença.

Concorrente em Italia a um certamen de compositor, Sarti apresentou um quarteto de género classico, que obteve o 1.º premio, quarteto, que mais tarde, foi executado em Lisboa pelo malogrado Victor Husza, nos concertos de musica de camera. São numerosas as composições de Sarti, publicadas em Italia, onde o moso biographado goza de justo renome.

Alberto Sarti, veio para Portugal em 1886, como director de orchestra da opera Lyrica do theatro S. João, do Porto, tendo estado depois contratado, durante tres epochas successivas, em o nosso S. Carlos de Lisboa. Foi então que fôz definitivamente a sua residencia n esta capital, dedicando-se exclusivamente ao leccionamento do canto italiano, tendo produzido discipulos, que como D. Sarah Vieira da Moura Marques, condessa de Póença-a-Velha, D. Magdalena de Cisneros Ferreira, José Eduardo Coutinho Pinto da Cunha e ainda alguns mais, conquistaram fóros de verdadeiros artistas na arte de bello-canto.

Na ardua tarefa da leccionação do canto, o maestro Sarti, tem tido uma preciosa collaboradora em sua esposa M.^{me} Clara Sarti, primorosa artista, sabendo a fundo todos os segredos do *metier*, distinguindo-se sobremaneira na arte de saber dizer *for di labro*.

Vivendo entre nós ha 27 annos, Sarti considera Portugal como a sua patria adoptiva, tanto mais que em Lisboa lhe nasceram as suas duas genitas filhas e um filho, os seus, crescendo e desenvolvendo-se n este meio lisboeta, aquy tem creadas sinceras affeições, a que correspondem, amando extremamente a terra que os viu nascer.

Sobre ser pianista extimo e magistral acompanhador, o maestro Alberto Sarti, tem sido um entusiasta propagandista do canto coral, apresentando em innumerous concertos a orchestra e coros, massas coraes notavelmente educadas e disciplinadas. Está ainda na mente de todos o legítimo successo dos grandes concertos, a orchestra e coros, da Escola Cantorum, dirigidos por Alberto Sarti, que n ellas patenteou a sua alta competencia como *cappel-mester* e nos quos se executaram, entre outras, as notaveis composições: *Missa do Papa Marcello*, de Palestrina; *o Requiem*, de Mozart; *As oratorias*, de Perosi, a *Passão de S. Mathieu*, de Bach; *As 7 passões de Christo*, de Haydn; a *Terre Promise*, de Massenet; a *Mandita* (original portuguez), de A. Thomaz de Lima e o *Sabat Mater*, de Pergolesi.

Para nós, portugueses, uma das fócos mais sympathicas do talento musical de Sarti é o enthusiasmo com que elle se tem dedicado a canção portugueza, exemplificado pelo facto, que o texto portuguez se conduza, tão perfeitamente, como o italiano, com a musica para canto, tendo produzido já, avultado numero de composições, que tem alcançado verdadeiro successo. Entre ellas destacam-se: *Morinha*, *Sinos ao longe*, *Mocidade*, *Canto do passado*, *Canto do lar*, *A divida*, *Canto do barco*, *Canto do mar bravo*, *Villanete de Jominhia*, *Passario de Santo Antonio*. As *laverdeiras*. *Deixa ver*, *Não me faltar*, *Vae falando* .. e as *Popoatas*, graciosas composições, obta de frescura e inspiração melódica, que tem sido enormemente apreciada tanto em salaes, como nos theatros, onde tem sido exhibida.

Posto isto, é obvio que Alberto Sarti, tem ganhado, no nosso meio, geraes sympathicas, e que as suas festas artisticas têm o



D. Isabel Northway do Valle

D. Maria da Costa Bravo

dom de attrahir tanto quanto em Lisboa, se interessa pela arte musical. Foi o que ainda succedeu no dia 2 do corrente, vendose a linda sala do Theatro Nacional repelia de escolhida assistência.

O programma, muito artistico, foi executado integralmente, obtendo justo successo, destacando-se, quanto a nós, a apresentacão do grupo coral, com Madame Sarti à frente, em que os sopranos e contraltos, pela justa afinação, equilibrio, notavel cohesão, e delicadeza de nuances, imprimiram enorme realce nos trechos de Saint-Saens, Schumann, Pergolesi e Chaminade, destacando-se, pela sua difficuldade, a *Juga*, de Pergolesi, que foi executada esplendidamente, excessivo que poz em alto relevo a incontestavel competencia do maestro Sarti, como director e ensaiador dos referidos coros e que a assistência devidamente apreciou, fazendo a Sarti, uma vehemente ovação.

Nos solos de canto obtiveram as discipulas do maestro Sarti, legitimo successo, pela forma como interpretaram trechos de compositores consagrados.

Na primeira parte do programma M.^{me} Amélia d'Almeida Serra, interpretando a valsa «Mirreilles» de Gounod, e «Marguerite» de Ardit, trechos em que teve esujo de fazer brilhar todo o encanto da sua voz de soprano ligeiro, de notavel extensão e lindamente timbrada, alcançou uma das melhores ovações da noite.

M.^{me} Maria da Costa Bravo, com a sua pequena, mas sympathica voz, que tanto se coaduna com a sua gracil figura, deu os devidos cambiantes e aos trechos de Chaminade e Grieg, sendo muito festejada.

M.^{me} Maria Helena Sherley, mantendo possuir invejavel temperamento artistico, cantou, com grande correção e delicadeza, a *Canto do Rei de Thule*, de Gounod.

Excelentemente, em paginas de Wagner, Ponchielli, Massenet, Leoncavallo e Rubinstein, *Mozel-moteller* Alice Veiga, Izabel Northway do Valle, Stella Leirão, M.^{me} Josephina Waza d'Andrade e Mr. Leon Duboué, sendo todos applaudidissimos e albrando os

bons creditos de que ha muito goza o maestro Sarti no professorado do canto.

Abrihantou o concerto a Sr.^a D. Eugénia Crespo, distincta violinista, que executou com notavel correção uma phantasia de Beethoven.

Foi preenchida a ultima parte do programma com a execucao de varias canções portuguezas.

Abrihantou o concerto a Sr.^a D. Eugénia Crespo, distincta violinista, que executou com notavel correção uma phantasia de Beethoven.

Foi preenchida a ultima parte do programma com a execucao de varias canções portuguezas.



D. Amélia de Almeida Serra



D. Maria Helena O'Connor Sherley



D. Josephina M. Waza d'Andrade



D. Alice Veiga



Madame Clara Sarti

zas, todas originaes do maestro Sarti, as queres o grupo coral deu enorme relevo, o que a plateia sublinhou com vehementes manifestações de apreço.

Nesta parte mais uma vez M.^{me} Amélia Serra cantou, bstando, as *Popoatas*, inspirada composição da illustre poetisa D. Luibegarda de Caíres, musicada, com rara felicidade, por Alberto Sarti.



D. Stella Leirão

O maestro italiano, como se nos veias lhe corresse sangue portuguez, ao compor as *Popoatas*, levei forçosamente a lida visão das nossas alturas encostas, vestidas de viridentes pampinos, picados, aqui e ali, pelas rubras papoatas, tendo por fundo o diaphano e purissimo azul do incomparavel céu de Portugal.

M.^{me} Amélia Serra, sentindo toda a penetrante poesia, que se evia de tão inspirada composição, não só lhe empresta o encanto da maviosidade da sua peregrina voz, mas, no dizer aquellas endexas tão genuinamente portuguezas, nos seus trillos lidos e argeminos, como que sembra os risos peridos de um bando de creanças, que em locei farrandolla atravessares ridon-tes verges. E' que a illustre virtuosa diz a linda canção, não só como cantora eximia que é, mas imprimindo-lhe toda a simplicidade e gravidade, que demandada tão delicada pagina musical.

E pois que M.^{me} Amélia Serra está conquistando fóros de artista, consista lhe dignos que, quem possue voz, tão extensa, que lhe permite emitir, com a mesma facilidade, quer as notas sobre-agudas, quer as do registro grave, que lhe sem redondas e pastosas, deve romper os estreitos limites marcados ao soprano ligeiro e dedicar-se tambem ao repertorio do soprano lyrico.

Como a sua avelludada voz ha de brilhar na *preghiera* de Elia, no 1.^o acto do *Lohengrin*, impregnada de uncção e antecidade, e na graciososa *aria das joias*, do *Fausto*, de Gounod! Regina Pacini tambem cantou em S. Carlos, a *Bolome*, de Puccini e a *Manon*, de Massenet, provocando imperceptivis ovações.

Franckina Mirones

NO PORTO

Exposição de quadros do pintor Arthur Loureiro



O pintor Arthur Loureiro

MAXIMA

O amor nasce de repente, sem se pensar: é o resultado do temperamento ou da fraqueza; certa graça ou beleza atrae-nos e de-

termina-nos. A amizade, pelo contrario, fórma-se gradualmente com o tempo e continuidade de relações intimas. Quantos annos de afeição, dedicação e serviços, são necessarios para conseguir o que a formosura muitas vezes realisa n'um momento! — *Bruyère.*



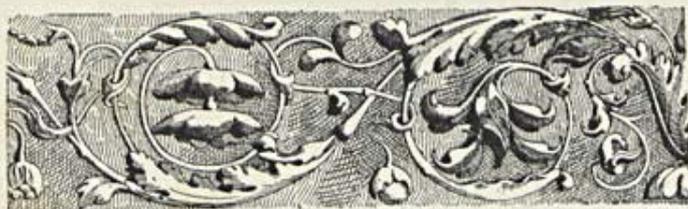
Exposição de quadros do pintor Arthur Loureiro
Trecho do mosteiro de Leça



Exposição de quadros do pintor Arthur Loureiro
A Ritta da Caruma



Exposição de quadros do pintor Arthur Loureiro
A filha do jornaleiro
(Fot. de C. P. Cardoso — Foz do Douro)



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXX

FRANCO E MAURA

O incidente suscitado ha dias no parlamento hespanhol pelo discurso do chefe dos conservadores fez-nos olhar com mais tristeza para a politica portugueza, não só para esta politica que actualmente se desenrola n'um mixto de perversidade e de inconsciencia, como tambem para a politica do passado que abrange o periodo de 1907 a 1910.

Maura recorda-nos Franco, porque um e outro possuem a noção politica que se baseia nos superiores interesses da Patria que desejam vêr firmada em solidos alicerces cimentados na ordem e na justiça. Mas se o mesmo modo de vêr approxima estas duas figuras politicas da peninsula, o meio que o destino concedeu a cada um para exercer a sua influencia, foi tão diferente que o dictador de 1907 é hoje o exilado de Bierritz, enquanto o executor de Ferrer derruba com a imensa auctoridade da sua palavra o gabinete hespanhol, em pleno Congresso. E a tristeza que deriva d'esta differença mais se acentua se alongarmos vista pelo passado politico dos dois paizes visinhos, examinando a situação da Hespanha á morte de Affonso XII, debatendo-se n'uma crise geral e tendo no throno a frigididade d'uma mulher, sustentando a corôa sobre a cabeça d'um recém-nascido debil que tantas vezes a sciencia desesperou de salvar, e a nossa situação n'aquelle momento historico. E' justamente olhando para essa situação difficilima d'um paiz e d'um regimen e comparando-a com a de Portugal em igual epocha, que a differença resalta angustiosa na sequencia dos factos que nos conduziram ao presente.

Disfructavamos então condições de vida bem melhores do que a Hespanha, porque a multiplicidade de crises que avassalaram o paiz visinho desde 73 até 910 — epocha em que começou resurgindo, — não existiam cá com a mesma negrura e gravidade. Mas lá os caracteres iam-se purificando e aperfeçoando. Apareciam homens; surgiam estadistas, e alguma coisa de nobre, alevantado e patriótico impellia todos esses elementos para o mesmo fim, embora divididos em campos estremados pelos principios dos seus credos. Em Portugal, a sepultura começou engulindo os ultimos batalhadores sinceros; deixaram de pulsar os derradeiros corações desinteressados. Foi assim, que nós depois de atingirmos um periodo de excepcional brilhantismo no concerto europeu (1900 a 1907) começamos resvalando pela decadencia, motivada pelo enfraquecimento dos caracteres politicos, ao mesmo tempo que a nação abatida e decadente de 73 se vigorizava e progredia.

Maura e Franco são dois padrões a attestal'o, porque enquanto a Hespanha soube conservar e aproveitar as suas forças conservadoras, em Portugal apedrejaram-nas cuspiendo-lhe os maiores insultos.

E sobre este ponto foram os monarchicos os principaes responsaveis com as suas constantes luctas não de principios, mas de ambições, não de interesses collectivos mas de interesses pessoases impellidos pelas vaidades do mundo.

No recente discurso de Maura recordou este notavel homem politico haver dito depois da tragedia de 1 de Fevereiro de 98, referindo-se a Portugal: «*Em uma nação irmã reina um herdeiro do Rei victimado: ha Rei mas não vejo Monarchia. E no lugar d'um sol tenho a visão d'um arco-iris*» Com o seu grande talento e experiencia da vida o chefe do partido conservador hespanhol previu os acontecimentos que dois annos depois se vieram desenrolar entre nós.

Maura não viu a Monarchia, porque esta de facto tinha cahido na tarde de 1 de fevereiro. O tempo que mediou entre esta data e a manhã de 5 d'outubro não foi mais do que a preparação, cúmplice e ostensiva d'alguns monarchicos, no advento do novo regimen. Porque se o primeiro ministerio do ultimo reinado foi a

gazua que escancarou a porta das velhas instituições, o ultimo gabinete foi a escalada fraudulenta ao brio monarchico.

Realmente em Portugal não havia monarchicos como não havia republicanos. Havia e ha duas minorias, uma de cobardes outra de audaciosos; e duas maiorias, uma de indifferentes e outra de inconscientes. Foi isto que nos perdeu. E é ainda esta a causa do horizonte nublado que quem não fór visionario tem por força que destinguir no horizonte.

O momento politico que estamos atravessando é mais doloroso pelas conclusões a que se presta do que propriamente pelos factos que d'elle derivam. Porque se são graves as consequencias dimanadas dos actos governamentaes, mais grave é a indiferença do paiz, amadorrado em nostalgica pieguice que amenisa com lacinhos fraldiqueiros ou bravejando boatos tolos de farronqueiros eunuocos.

Em Portugal, convençam-se, a crise primacial é a do caracter politico. E' esta que motiva todas as outras ou pelo menos que obesta á sua necessaria e imprescendivel solução.

Porque tem tido homens de governo no que esta palavra significa de grande é que a Hespanha se salvou; porque esses homens rarearam e os poucos que existem se teem deixado avassalar pela turba invasora que tudo espesinha e derruba sem prever consequencias, é que nós atravessamos uma hora incerta e perigosa.

Muitas vezes temos ouvido elogiar o Monarcha espanhol como um dos elementos que mais tem concorrido para o rejuvenescimento do paiz visinho. Não negamos a justiça com que é apreciado Affonso XIII. Concordamos em absoluto com as merecidas homenagens a que teem jús a sua valentia, o seu valor, e a sua intelligencia e tato politico. Mas não pode haver maus Reis quando são rodeados por homens publicos como os que teem cooperado desde a regencia de Maria Christina até agora.

A attitude dos partidos politicos entre si e para com os interesses geraes do seu paiz, em Hespanha, é um exemplo bem frizante.

O que aconteceu com Franco e o que se tem passado com Maura é a synthese da orientação politica das duas nações — e os factos ahí estão mostrando as vantagens e os contras que advieram com a differença dos dois caminhos seguidos.

CRISPIM.

Livros

Memorias de Adão e Eva

E' um bello livro de Mark Twain, traduzido por Camara Lima, nosso collega na imprensa e antigo collaborador d'esta Revista.

Memorias de Adão e Eva é um livro humoristico. Os leitores calculam de certo o que aquellos dois nossos antepassados poderiam dizer quando ainda no Paraizo e depois de serem expulsos de lá. As suas observações, que constam dos seus respectivos diarios, são tudo quanto ha de mais proprio para nos dispôr bem, proporcionando-nos o que se chama uma *barrigada de riso*, especialmente na parte que se refere ao apparecimento de Caim, que o nosso pae Adão julgou a principio (não se esqueçam os leitores que se trata d'uma phantasia) que era um peixe, mais tarde quando o viu engatinhar um kanguru e depois, quando começou a dar as primeiras passadas, um urso.

Levou tempo o nosso pae Adão a convencer-se de que Caim era um rapaz, mas, quando de tal se convenceu, concluiu ao mesmo tempo que era melhor que na realidade fosse... um urso!

De Camara Lima, o traductor do magnifico livrinho, só diremos que elle tem todas as qualidades indispensaveis a um bello traductor e mais uma n'este caso especial: — é que Camara Lima é, elle tambem, um finissimo humorista.

A verdade acima de tudo

Tendo morrido um usurario que em vida se inculcara sempre como republicano intransigente, um dos seus correligionarios, fazendo a apologia do morto á beira do tumulo, começou o seu discurso pelas seguintes palavras:

— Cidadãos, o homem a quem n'este momento prestamos as derradeiras homenagens possuia um caracter firme e incorruptivel. Foi sempre fiel aos principios de 89...

— *Por cento...* exclamou uma voz no meio da assistencia.

Vida Elegante

COMQUANTO já iniciada, a debandada para as praias e thermas não se accentuou ainda, naturalmente porque as irregularidades atmosphericas trasem o veraneante indeciso acêrca do momento propicio para a partida. Veraniar é uma obrigação elegante como qualquer outra, não faltando quem sacrifique a esse *chic*, as commodidades da casa e o aspecto tran-

uma saltada a Lourdes, meia duzia de dias em S. Sebastian... e no regresso um descanso de semanas na provincia, ou duas duzias de banhos na Figueira, na Foz, em Espinho, na Granja... A's vezes tudo isto se resume em dois amargurados mezes em qualquer praia do paiz com largo rombo nas finanças caseiras... Mas, veraneou-se, eis tudo.

Cada um cumpre como póde a sua obrigação! Este anno a debandada para o estrangeiro é menor. Cintra, os Estoris, todas estas pequenas localidades que bordam as linhas ferreas dos arrabaldes devem ter a preferencia—que os tempos vão bicudos! E

VIDA ELEGANTE

Uma festa no "atelier" Batalha Reis



Da esquerda para a direita: — Maria Amelia Pereira, Anna de Magalhães Collaço Acciaioli, Maria Amalia Vaz Ferreira, Maria de Lourdes de Magalhães Collaço Acciaioli, Maria Ignez Dotti e Julia Ribeiro — Ao centro, sentada, madame Zoé Batalha Reis.

quillo do seu home aos azares de viagens feitas á *la diable*, em vagon estreitos, sob o flagelo do pó e do calor e competente falperra dos restaurantes, onde mal ha tempo para comer, quanto mais para pensar no dinheiro que nos roubam a troco de problematicas eguarias!...

Quando os calôres estivaes fazem a sua appareição, o lisboeta logo tem á flôr dos labios esta interrogação:

—Então quando vae para fóra? Onde vae este anno?!...

E o interpellado, por honra da firma esboça logo um programma em que, se calhar, nunca tinha pensado... Talvês a Biarritz,

aasim, em vês das chronicas elegantes do estrangeiro, os diarios mundanos vão ter de inserir o *compte-rendus* modestos das *soirées* e dos *pic-nics* das praias e thermas portuguezas, onde o prazer da empreitada, não tarda a estar em vigôr.

Pouco a pouco vão fechando portanto, os salões da capital. Este anno as festas musicaes foram immensas demonstrando um avanço notavel e incontestavelmente feliz na cultura assidua da di-

vina arte dos sons. Em casa de Madame Baptista de Sousa Pedroso (Carnaxide), realisou-se um grande concerto em honra do insigne professor Vianna da Motta e de sua esposa.

Uma numerosa assistencia teve o delicado prazer de ouvir executar um programma onde figuravam as mais notaveis produções dos grandes mestres em excepçoes de brilho artistico. Raras vezes se conseguirá, de resto, juntar assim um pequeno, mas valiosissimo grupo de interpretes d'essas inspiradas paginas musicas.

Este concerto foi bem digno da notabilidade a quem era dedicado. D'ahi a impressão do intenso agrado que deixou em todos os assistentes.

Outra festa por igual digna de menção, a *matinée* com que o

cantando os seus ouvintes, não só pela bellêza da sua voz, como pelo apaixonado sentimento que lhes imprimiu. Na *matinée* tomou parte o sr. Antonio Felix da Costa Junior, que tendo começado a estudar canto há pouco tempo, conseguiu já notaveis progressos na sua bella voz de baritono. Com estes valiosos elementos a *matinée* foi esplendida, deixando naturalmente as mais agradaveis recordações.

No atelier da illustre professora de pintura Madame Zoé Batalha Reis tambem se realisou uma brilhante festa musical e litteraria. Estiveram pois n'esta quinzena resplandecentes de luzidas galas os *ateliers!*... A festa em casa de Madame Batalha Reis foi verdadeiramente encantadora. Como fizesse cinco annos uma filhinha da illustre professora, as suas discipulas resolveram so-



VIDA ELEGANTE — No «atelier» Batalha Reis — Da esquerda para a direita: — Uma creada lavando os pinceis, Maria Emilia Gaspar, Paula Romberg Nişard, Alice Reynolds, Anna de Serpa Brandão, madame Zoé Batalha Reis, o modelo, Anna Lohmann, Clara da Silva, Maria Luiça Costa Cabral, Maria Luiça Arriaga, Adelaide Aboim Fernandes, Ermelinda Alves de Sousa e Maria Heloisa Moreira de Almeida.

o sr. Antonio Felix da Costa e sua esposa encerraram este anno a serie de recepções.

A casa do sr. Felix da Costa, na Avenida da Liberdade é uma verdadeira exposição permanente de bellos quadros. A pintura tem neste distincto artista e em sua esposa, cultores notaveis. A sr.^{ta} D. Guilhermina Felix da Costa, é uma pintora com raras qualidades de observação e justesa de colorido. A's suas flôres apenas falta o perfume, sendo assumpto que trate sempre nas suas télas de forma verdadeiramente superior. O sr. Antonio Felix da Costa trabalha especialmente em retratos, admirando-se agora no seu *atelier* um retrato em tamanho natural de seu filho Antonio em *toilette* 1840, tal como tomou parte na original e graciosa festa, realisada em casa de Madame Trigueiros de Martel Patriçio. Foi nesta linda moradia, onde a arte é o ideal dominante, que outras manifestações se evidenciaram triunphantemente, graças ao talento de excepção que accusa a sr.^{ta} D. Alice Felix da Costa Monteiro, uma amadora das mais notaveis de Lisboa. Esta formosa e distincta senhora — um magnifico *mêzzo soprano* interpretou divinamente trechos da *Mignon* e do *Samsão e Dalila*, en-

lemnisar o dia; e logo se organisou o programma com elementos de superior valia, mercê das relações e dedicadas amizades que os esposos Batalha Reis contam nos circulos artisticos e mundanos. Assim, na festa tomaram parte alem das promotoras que eram vinte e uma gentis discipulas de Madame Zoé, as sr.^{tas} D. Sarah da Motta Vieira Marques, D. Adelaide de Lima Cruz, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, Augusto Rosa e Guilherme Riheiro, que dirigiram os coros. Não ha máu programma com taes colaboradores... De maneira que, a festa assim organizada e condimentada com aquella alegria tão suggestiva, peculiar na gente môça, teve um encanto especial que a tornou inolvidavel.

E não fica encerrado ainda aqui o registro das festas mundanas com que a estação termina. A' hora a que escrevemos mais tres se preparam que devem ter menção especial pelo seu alto relevo artistico e graciosa originalidade. Não falta pois, felizmente, assumpto interessante para o artigo da quinzena proxima. Depois tem a palavra, os salões dos estabelecimentos thermaes e dos casinos das praias. A vida elegante, não pára.

Os resultados do Feminismo

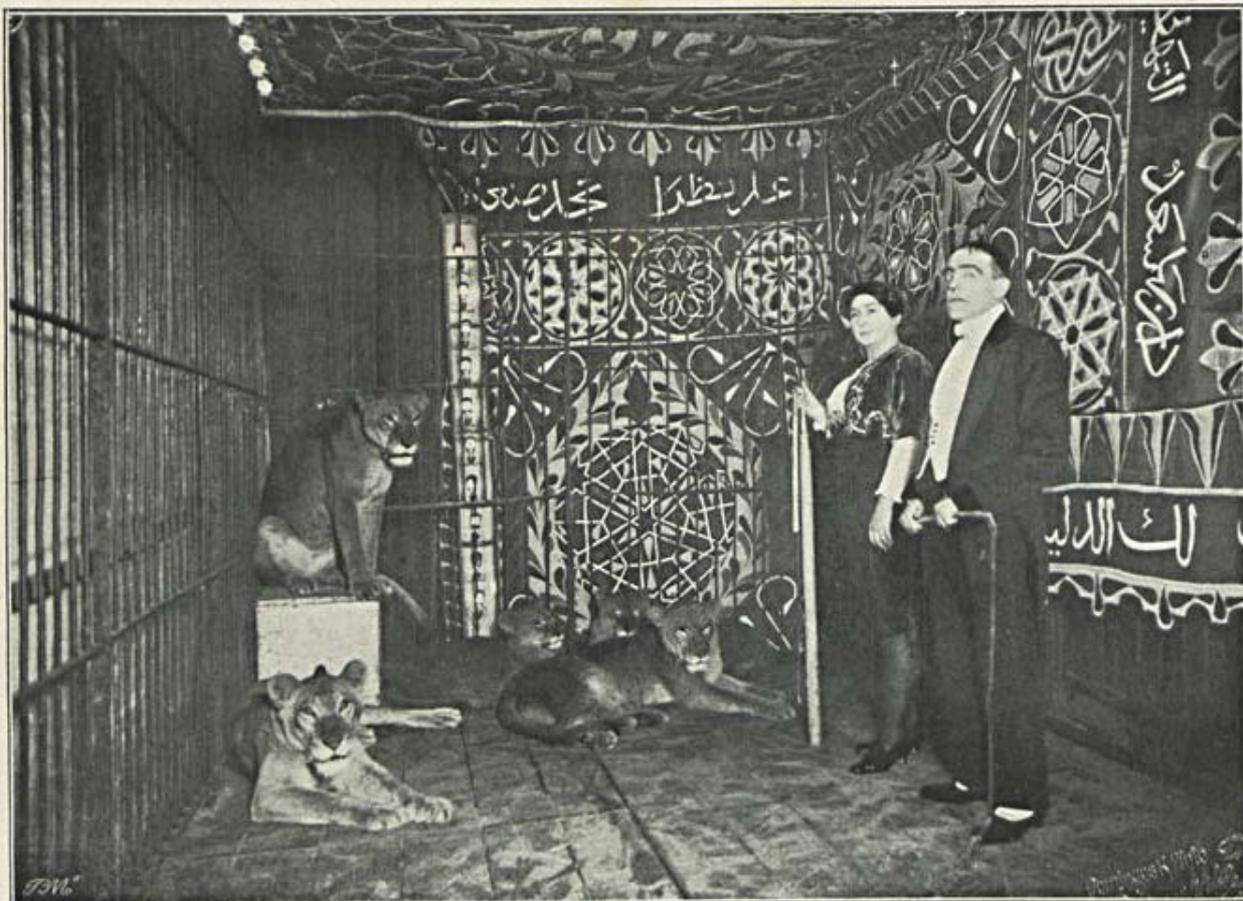
AFFIRMEI eu, nos meus antecedentes artigos, que a mulher feminista perde pouco a pouco a sensibilidade propria do sexo e se torna um ente antipathico e indefinido que melhor seria não existir. E' claro que um temperamento superior pode fazer excepção a essa regra, mas a generalidade é esta.

Mrs. Edith Sollers, que viveu dez annos na Finlândia, onde as mulheres têm voto e são elegiveis, afirma que, tendo voltado mais tarde áquelle paiz, não encontrou melhoramento algum nos encantos nem na utilidade especial da mulher. Mui'o pelo contra-

Nota verdadeiramente cómica: as criadas feministas são insupportaveis. Não ha meio de as fazer cozinhar nem varrer, se se annuncia no parlamento algum debate interessante!

A mulher feminista, na Finlândia, não tem graça, nem virtudes domesticas, e é intoleravel na conversa pelas suas preoccupações politicas. Um unico beneficio lhes attribue Mrs. Sollers: terem conseguido suprimir o alcoolismo.

E, n'isto ainda, estão de acordo com as minhas deducções as observações da illustre senhora. Tendo a mulher, como está mais que provado, a fôrça de se dominar ao que a consciencia lhe impõe, estando muito desenvolvido no seu ser o *espírito de sacrificio*, era natural que, vendo-as o homem superiores em qualqsr cousa, procurásse eguala-las, mostrando que, se *queria*, tambem *podia*



Jayme Vallado por ocasião da sua entrada n'uma jaula de leões que estiveram trabalhando no Porto no principio do inverno

Jayme Vallado, filho dos Barões de Vallado, fallecido ha pouco no Porto, era um bello rapaz e uma figura verdadeiramente typica n'aquella cidade. Foi o que se pode chamar um estroina. Entrou como cavalleiro em diversas touradas de amadores, representou ha annos para proteger uns artistas e chamar concorrência ao theatro, escreveu um livro intitulado «A minha vida» e uma das suas ultimas loucuras foi a sua entrada n'uma jaula de leões, facto que a photographia acima representa. Possuidor d'um bello coração, tinha muitas sympathias e amizades, sendo o seu funeral uma grande e sentida manifestação de pezar.

rio. As mulheres politicas, assegura a illustre inglesa, abandonam a casa, os filhos, se os têm, e desinteressam-se completamente das suas naturaes obrigações. *Desconhecem os seus deveres e só pensam nos seus direitos.*

São textuaes estas affirmações d'uma observadora intelligente e culta. E folgo de vêr confirmadas pela observação directa, as affirmações, que, apenas guiada pelo raciocinio, eu já anteriormente fizera. Mas ha mais. E, ainda n'isso, eu vejo expressas em actos as theorias que aventei apenas pela deducção logica dos factos.

A característica que as distingue é nunca se mostrarem contentes senão quando discursam em publico. Nenhum problema as admira. Tudo resolvem de prompto ou julgam resolver.

Outro ponto ainda que vem confirmar quanto tenho dito: têm horror á casa e á familia. Preferem passar um dia inteiro em qualquer officina a arranjarem a sua casa durante duas horas. Dos filhos não se importam: entendem que é o Estado que tem obrigação de cuidar d'elles.

suprimir um vicio. Não ha como o estimulo do exemplo e o choque de vaidades mesquinhas para se obter um grande e feliz resultado no vasto campo do aperfeioamento humano, quando se trate do que ha nelle de mais elevado e nobre como o espirito e o apuramento d'uma consciencia delicada.

Eu pertenço ao numero das que crêem que a consciencia se educa e prepara. Portanto, egualada a situação social dos dois sexos, ou as mulheres se entregariam ao alcoolismo, como ao fumo, ou elle seria necessariamente suprimido. Mas esse pequeno beneficio poderia ter sido obtido pela influencia da mãe, da esposa, da filha e da noiva. A mulher, diz um notabilissimo escriptor portuguez, não é inferior ao homem: é *diferente*.

E' lisongeira esta opinião para um sexo que está habituado a ser calçado e que por isso, como todos os revoltados, não encontra medida para a sua desvairada ambição. O logar da mulher não tem sido o que de direito lhe cabe. Não será nunca pelo feminismo o que de justiça e de razão devia ser para o justo equilibrio da sociedade e progressos da felicidade humana. Pelo costume de

THEATRO DA AVENIDA



A actriç Etelvina Serra

longos annos — a tradição impõe-se sempre — não causa reparo vêr uma mulher apoiada ao braço d'um homem; mas um homem, enfiando a mão n'um braço de mulher provoca, embora seja moda, um sorriso de desdem a todos aquelles que estão habituados a estudar nos actos manifestações inconscientes do pensamento.

Mulher e homem completam-se. São duas partes d'um todo, e

de mãos dadas é que é o caminho. Ella, na sua missão de mãe e educadora, elle, no seu papel de pae e educador, ambos, um em casa outro na rua, trabalhando para o mesmo fim, conjugando os seus esforços na mesma ideia: o aperfeiçoamento das gerações por vir. E do trabalho em commum, sem disputas nem invejas, porque o homem não pode invejar a mulher nem a mulher tem que invejar ao homem — *são diferentes* — nasceria o equilibrio social. Nem escravas, nem dominadoras. No primeiro estado soffriam e eram uns entes de utilidade quasi nulla; no segundo seriam devastadoras, além de se tornarem uns monstros de tal ordem que seria preciso inventar um nome para ellas. Mulheres não podiam sêr.

E depois, pensem bem, nunca mais teriam quem as engrandecesse com versos assim:

.....

Adorador do Eterno Feminismo,
Do Sublime, que n'elle se contem,
Eu, ingrato seria ao meu destino,

Se tratasse, sómente com desdêm,
O sexo respeitavel e divino,
Onde encontrei: a Filha, a Esposa, a Mãe!

Pensem bem, minhas senhoras. Nunca mais a melodiosa lingua de Camões poderia erguer-se em suaves cantos de amôr; nunca mais a palavra amôr ecoaria docemente aos vossos ouvidos. Seria decerto substituida pela prosaica phrase: *Necessaria propagação da especie.*

Um horror!

MARIA O'NEILL.

Casaria antes com uma mulher pequena do que com uma grande, — porque de dois males, o menor.

COMMERSON.

THEATROS

THEATRO DA AVENIDA — A Generala



Uma das scenas mais interessantes da «Generala» (Etelvina Serra e Armando de Vasconcellos)

(Phot. de A. C. Lima)

Innocência

— Dou-lhe os parabens, minha menina; tem mais uma irmãzinha pequenina...

— Ai, que bom! exclama a criança, contentissima. Vou já dizel-o á mamã...

THEATROS

Trindade — *O Fim do Mundo*, peça phantastica em 3 actos e 14 quadros, original de Chagas Roquette, Xavier Marques e Bento Faria; musica de Alfredo Mantua e Wenceslau Pinto

Avenida — *A Generala*, operetta em 3 actos, de Perin e Palacios, tradução de João Soler

Apollo — *A Mão Misteriosa*, peça policial em 3 actos, original de Jean Marselle e Fred Amy, tradução de J. Bastos e E. Rodrigues.

Depois de farto reclame e varios adiamentos subiu ultimamente á scena na **Trindade** a peça *Fim do Mundo*, que os auctores appellidaram de phantastica, filiando-a no genero do *Sonho Dourado*, *Venus*, *Semana dos Nove Dias* e outras. Ora a impressão que rece-

Avenida — Em recita do nosso amigo e conhecido actor Armando de Vasconcellos, subiu á scena n'este theatro a operetta hespanhola *A Generala*, que de então para cá se tem conservado com largo exito e grande concorrência de publico.

Embora hespanhola, esta peça é moldada nas modernas operettas alemãs, podendo affirmar-se que os auctores foram de uma felicidade extrema, tanto no poema como na musica, que é excellente. O enredo interessante, bem urdido, com excellentes effeitos, de que Armando de Vasconcellos soube tirar, como ensaiador, excellentes resultados, sendo digno de referencia como trabalho de encenação o final do primeiro acto, conduzido com uma naturalidade tal que maravilha.

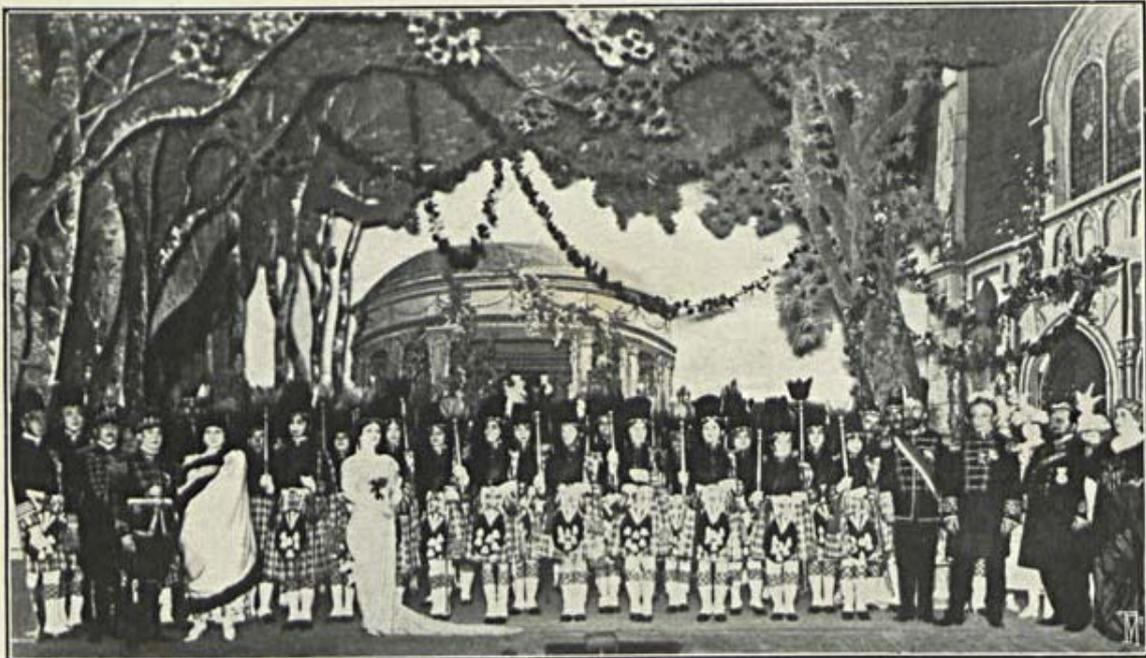
Havia n'esta peça o aperitivo da reaparição de Etelvina Serra, o que registamos com prazer, pois que a sua falta fazia-se, e não pouco, sentir.

Foi, como não podia deixar de ser, a grande actriz de sempre, representando e cantando com verdadeira arte. Do restante desempenho citaremos Armando de Vasconcellos, Caetano Reis, que nos apresentou uma bella caracterisação e Maria Litally.

Excellentes scenario e bom guarda-roupa.

Apollo — Um grupo de artistas dos nossos theatros de declamação, tendo á frente a actriz Palmyra Torres e os actores Augusto de Mello e Mario Duarte, propoz-se explorar este theatro com a peça *Mão Misteriosa* filiada no genero do *Raffles*, *Rei dos Gatos* e *Vinte Mil Dollars*, mas valha a verdade muito menos interessante que qualquer d'estas, se bem que esteja regularmente urdida e movimentada. A tradução é regular. No desempenho daremos o primeiro logar a Palmyra Torres, embora n'um papel avesso ao seu tempera-

THEATRO DA AVENIDA — A Generala



Final do 3.º acto

(Phot. de A. C. Lima)

bemos e comosco, estamos certos, quasi todo o publico, é que aquillo tanto pôde ser uma magica, como uma revista, como uma operetta até, se quizerem; o que não resta duvida, porem, é que é... phantastico. Do entrecho não lográmos apanhar patavina. Se aqui seguimos um fio, logo outro de travez se mettia, e ainda outro, resultando uma meada difficil de desmanchar. Os quadros mal delineados, sem continuidade nem ligação de especie alguma, com pretensões a espirito, que nem sempre o publico acolheu conforme a expectativa dos auctores. De uma cousa elles abusam, e essa, embora lhes pese, é uma das causas principaes da frieza com que o publico recebeu a peça: — é a troca continua á religião. Não usamos fazer acto de contricção, mas afigura-se-nos que os auctores enveredaram por caminho errado, pois que com a sua mordacidade, aliás desnecessaria, só conseguirão ferir as susceptibilidades de uma parte do publico, que, com certeza, se ha-de afastar.

As deficiencias da peça procurou Taveira, com a sua larga experiencia e saber, ofuscar as por meio de uma rica e luxuosa *mise-en-scène*, de que procurou tirar, e com resultado, excellentes effeitos, e isso justificará a carreira da peça. E' uma verdadeira maravilha, como poucas vezes temos visto.

A musica excellente, de Alfredo Mantua e Wenceslau Pinto, nomes já conhecidos e firmados.

Do desempenho, merece referencia especial Gomes, que no papel de Judas Arriscado, conseguiu tirar partido. Houve uma estreia, Esther Braga, se não estamos em erro, que tem um fiosinho de voz e boa figura. Os demais procuram acertar, mostrando uma vontade extraordinaria.

mento artistico, mas que a sua intelligencia soube vencer; e a seguir temos Augusto de Mello, Mario Duarte, João Lopes e Henrique de Albuquerque, sendo o trabalho d'este ultimo, no terceiro acto, deveras brilhante.

M. R.

Noticias e Reclamos — Animatographos

Colyseu de Lisboa — Interessantissimas e muito animadas as sessões do campeonato internacional de lucta que actualmente se estão realisando n'este Colyseu e que têm chamado farta concorrência de publico, o qual se vae apaixonando pelas differentes phases da lucta.

Salão Central — N'este salão continuam em extremo animadas as sessões da moda, tendo obtido largo exito a fiza *A teia* e promettemdo-nos para breve a empreza uma estreia de grande sensação.

Trindade — Os ultimos acontecimentos d'esta casa de espectaculos têm sido os films — *Trez mulheres para um marido* e *Mãos occultas*, de 1500 metros em 3 partes. Brevemente novas estreias e brilhantes concertos.

Olympia — Soirées da moda ás quintas-feiras sempre com novidades e esplendidos concertos que são applaudidissimos pela selecta assistencia que costuma frequentar este salão.

Salão Foz — A grande companhia de variedades continúa obtendo largo exito, não se cançando o publico de fazer bisar todos os numeros, que são dos melhores que se exhibem actualmente em Lisboa.